

Sem lembranças o homem não tem passado, nem futuro e nem presente. Ele não é nada.

Mauro Meireles

SEMPRE HÁ TEMPO PRA RECORDAR

EDIÇÃO 1

São Paulo – SP / 2013

PREFÁCIO

Uma estória baseada em recordações de um personagem de sessenta e cinco anos, que ao morrer, deixa para os dois filhos anotações de passagens que ocorreram em sua vida. Os relatos são escritos por ele num livro pouco antes de sua morte e encontrado pelos filhos, eles passam a lê-lo e nele desvendam fatos sobre mulheres, viagens, alegrias, tristezas e emoções de seu pai, assim como diversos poemas escritos por ele.

A mensagem que se percebe no livro é sobre se plantar lembranças para que as pessoas possam recordá-las no futuro, independente de como cada um vive, o importante é ter o que lembrar, é ter motivos para estar sozinho e de repente sorrir com uma boa lembrança. Nos dias de hoje as pessoas não vivem, apenas sobrevivem, e serão essas recordações as únicas coisas que ficarão após a morte para quem fica.

A estória também contém exemplos de valores que atualmente são esquecidos, como amizade, solidariedade, respeito, altruísmo e humildade, entre outros. As passagens narradas dos próprios filhos farão com que o leitor se espelhe em alguns causos e os fará refletir sobre a forma com que levam suas vidas no casamento, trabalho, com amigos e enfim, com pessoas e o dia-a-dia.

É amanhecer de um lindo sábado que promete ser de muito sol. Varinha de bambu na mão, tralha de pesca, chapéu, e expectativa de uma boa pescaria. Lá vai Moises, um homem da cidade grande que agora mora numa pequena cidade interiorana de nome Tranquilidade, onde pretende passar os próximos anos de sua vida cercado de paz e sossego. Trabalhador desde quatorze anos, já tinha sido office-boy de uma grande empresa do ramo de seguros, e foi nesse primeiro emprego que começou a ter suas primeiras experiências de vida.

Moises foi um garoto que teve a infância dos bons tempos, quando as crianças brincavam na rua e seus brinquedos eram praticamente artesanais de sobras de alguma coisa. Carrinhos feitos de tocos de madeira com rodinhas presas com pregos, uma varinha de ferro com a ponta curva para equilibrar um pequeno aro e fazê-lo rodar pelo chão batido de terra ou ruas de paralelepípedo. Pés ao chão, solas grossas, dedões muitas vezes judiados pelos chutes dados ao chão no futebol com bolas improvisadas de bolos de papel e barbante pelas ruas desertas e tranquilas de outrora. Brincadeiras de rua durante o dia inteiro, que eram interrompidas apenas pelo grito da mãe chamando para o almoço e quando do escurecer, para o jantar, que naquele tempo ainda era em família. Todos se sentavam à mesa, o pai numa ponta, a mãe noutra, e entre eles, seus filhos a lhes cercar.

Essa foi uma fase da vida de Moises, hoje com 65 anos bem vividos como sempre exalta ele. Experiência de vida que quando com seus netos, que são três, é contada através de

narrativas de suas histórias passadas, mas que agora ficam mais escassas porque seus filhos moram na cidade grande e não vêm lhe visitar como antes, por isso, a maior parte de seu tempo ele procura ocupar com suas pescarias, onde pode passar um bom tempo para recordar, assim como, com as disputas sonoras de truco na cidade.

Para Moises, adepto a pescarias, de sua casa no centro da pequena cidade até o rio, são cerca de 2 km que ele percorre sempre a pé. Um homem que apesar dos seus 65 anos, ainda mantém uma boa forma física e mental. São cinco horas da manhã quando ele põe o pé afora de seu portão de madeira e começa a caminhada. As ruas da cidade ainda estão desertas, mas ele costuma sair cedo para ver o Sol nascendo da beira do rio. No caminho, agora nas estradinhas de terra de pequenas propriedades, ele começa a encontrar pessoas que com a enxada na mão, mãos na terra ou até mesmo com tratores, já começam a mexer em suas plantações, e durante seu trajeto, ele sempre tem um “bom dia” para lhes desejar.

Já na beira do rio de correnteza calma, ele senta-se no tronco de uma árvore próxima ao barranco de sempre, de frente para onde todos os dias, o Sol nasce, entre dois morros opostos na margem do rio. Tralha ao chão, ele vai começar a pescaria. Serão horas naquele local a espera de uma ou mais físgadas. O rio é cheio de lambaris ariscos de rabo vermelho, e também de outros peixes maiores, mas ele gosta mesmo é de duelar com os pequenos que pode tirar d’água com sua frágil varinha de bambu e anzol mosquitinho, para depois devolvê-los ao rio. O prazer de Moises não está em fritar os pequeninos.

Acomodado em seu local preferido, começa a contemplar-se com o nascer do Sol que lhe ofusca os olhos e torna os morros que durante o dia são verdejantes em silhuetas escuras que destacam ainda mais o amarelo do farol do dia. O dia já começou bem, todos os personagens estão a postos. O sol nascendo, Moises a beira do rio e os peixes. Como sempre, a pescaria será de muita paciência e tempo de sobra, mas nesse dia, parece que será de muito calor, pois não há nuvens no céu e o chapéu será essencial, apetrecho que não faltava junto da tralha de pesca na sacola.

Sentado no barranco costumeiro, varinha de pesca na mão, a isca n'água e tempo disponível por vir. Moises sempre se recorda de sua trajetória de vida quando está na beira do rio, e por diversas vezes se flagra num breve sorriso ou numa boa gargalhada. Ali, solitário, com as horas passando, o Sol já sobre sua cabeça, o chapéu já necessário e o primeiro puxão na linha. Varinha erguida e seu primeiro adversário fisgado. Como de se esperar, um arisco lambari de rabo vermelho, que ele adora duelar por algum instante. Peixe tirado do anzol, de volta para a água. Uma nova isca, varinha lançada, aguardando uma nova puxada.

Já se passara várias horas e o Sol, já às suas costas, lança a sombra de Moises no rio e ele já pensa em ir embora. Afinal, ainda seriam 2 km de caminhada de volta, alguns amigos para cumprimentar e agora quem sabe para conversar. Vara erguida, isca tirada, tralha recolhida. Pé na estrada, lá vai Moises de volta para casa. Umas paradas para conversar com amigos já na cidade, feliz da vida já adentrando em seu portão.

Mais um dia já havia acabado, e quem via Moises, podia achar que ele era uma pessoa solitária, com uma rotina tranquila entre pescarias, caminhadas na pequena cidade, rodadas de truco nos finais de tarde, etc. O que ninguém sabe naquela cidade que ele escolheu para morar na terceira idade é o que ele havia vivido desde o tempo das ruas de paralelepípedo de outrora, e que o faziam sorrir e por vezes gargalhar durante o tempo das pescarias. Ninguém de Tranquilidade sabe, pois para ninguém ele conta, nem mesmo para os novos amigos que fez quando se mudou para seu retiro mental, longe da agitação da cidade grande, do trânsito desvairado, da correria do dia-a-dia, do barulho e onde vizinhos não se falavam, e quando muito, se cumprimentavam.

Moises se sente bem ali, mas por alguns momentos se lembra dos filhos. De suas mulheres, que foram grandes mulheres quando lhes foram parceiras, mas a vida lhes tornou ex, e ele as teve apenas como grandes amigas. Duas, na verdade, que seguiram seus caminhos como preferiram, assim como ele escolheu o seu. Seus dois filhos Leandro e Théo, o primeiro beirando os quarenta e o outro com menos de trinta. Cada um de uma ex-esposa, já tem famílias constituídas, moram a mais de 200 km de distância e em raros finais de semana vêm lhe visitar, embora sempre estejam em contato. Seus três netos, com idades entre quatro e treze anos, ele pouco os vê, depois que se mudara para o interior, mas a cada reencontro, tudo o que ele havia semeado nos filhos, recebe de volta neles. Os garotos têm-lhe muito carinho e ele é apaixonado por eles. Coisas de avô.

Após mais uma pescaria, ele guarda as tralhas em casa, faz uma bela refeição com verduras, legumes e frutas recolhidas de seu enorme quintal, e depois se dirige a praça central de Tranquilidade para jogar partidas de truco com os amigos que ali ficariam por horas, como ele. O silêncio da pacata cidade rompido por gritos de disputa por pontos. Truco! Seis! Nove! Doze! Em partidas animadas ele passava as noites tranquilas antes de dormir. Quando se retira, já está tarde e o sono logo o domina, ele é homem de acordar cedo, tendo pescaria pela frente ou não, sempre fora apreciador do dia mesmo quando ainda era moço.

Moises é uma pessoa que gostava de escrever, desde que escrevera um primeiro poema desandou a escrever vários quando esteve apaixonado, assim como também escrevia sobre várias coisas que observava na cidade grande. Numa noite, em que não houve rodada de truco no final da tarde em respeito ao falecimento do Sr. Joaquim do mercadinho, ele voltou cedo para casa, e no balanço de sua varanda, pensando sobre o falecimento do conhecido ele decidiu. Por que não escrever minhas lembranças durante meu tempo de espera nas pescarias? Ele passava um bom tempo pensando nos momentos que teve em sua vida e a partir da próxima, as escreveria. Desde então, lápis e papel passaram a ser parte de sua tralha de pesca.

Era uma terça-feira, tralha de pesca sempre pronta, Moises resolveu partir para outra pescaria, e agora, o tempo ocioso seria ocupado com seu outro hobby, a escrita. Enfrentando de novo 2 km de caminhada, ele chega ao

barranco costumeiro, arma sua varinha, pega o lápis, papel e suspirando profundamente começa a escrever enquanto espera uma fígada. De repente, começam os sorrisos, o lápis corre mais ligeiramente sobre o papel e surgem algumas gargalhadas.

Um hábito ele adquire logo nos primeiros textos, sempre os começa com a frase “lembro-me como se fosse hoje”, e a partir dele as palavras vão surgindo e se encontrando, formando frases de relatos de suas experiências ou de momentos vividos, interrompidos ou não por uma puxada.

Numa destas caminhadas até o local de pesca, andando pelas estradas de terra, Moises observou os plantadores que passam o dia em suas plantações, sob o Sol ou chuva, preparam suas terras para colher seus frutos adiante. Chegando ao rio, lápis e papel na mão, Moises escreveu o seguinte texto:

HOMEM DO CAMPO

O homem do campo com sua enxada.

Caminha varando a escuridão.

Seguindo a pé pela estrada.

Vai cuidar de sua plantação.

O cheiro da terra molhada.

A plantação coberta de orvalho.

No campo os sinais da geada.

Pela frente mais um dia de trabalho.

*Já começa a amanhecer.
E o homem com sua enxada.
Com o orvalho a se derreter.
Já vai trabalhando a terra molhada.*

*A enxada na mão vai revirando a terra.
E vai plantar sua esperança.
Mas o homem não sabe o que lhe espera.
É a desgraça e não a bonança.*

*Vem chegando uma tempestade.
Algo que o homem já conhece.
Vai trazer outra realidade.
Que ele não pede em sua prece.*

*A chuva é uma necessidade.
Para que o homem tenha uma boa colheita.
Mas depende de sua intensidade.
E por isso ele fica na espreita.*

*A chuva chega como sinal de esperança.
De que ela seja a salvação.
Mas à medida que o tempo avança.
Vai acabando com a plantação.*

*Já da janela de sua morada.
O homem do campo vê seu trabalho ruir.
Então vê que não sobrou mais nada.
E que novo trabalho há por vir.*

*A chuva cessa.
O homem pega de novo sua enxada.
Um novo ciclo começa.
Vai trabalhar a terra molhada.*

*Vai plantar novamente sua sorte.
E pedir em suas orações.
Que a chuva traga vida e não morte.
E alegria em seus corações.*

*Assim vive o homem que planta.
Com perseverança e com muita luta.
Ele tomba com o tempo, mas se levanta.
E enfrenta de frente a labuta.*

*Não são as dificuldades da vida.
Que irão fazer este homem ceder.
Haverá ainda uma sobrevida.
Até o dia que este homem morrer.*

O texto acima, como todos os outros escritos em suas pescarias, seria guardado no baú que ficava ao lado de sua

cama. Depositado com suas memórias, para quem sabe um dia, alguém os descobrir. Ele então começou a aumentar as escritas, passando a escrever com frequência em todo tempo que se via ocioso, mesmo fora de suas pescarias. Por vários dias ele escreveu textos e os depositou naquele baú.

Dias depois, já menos obstinado, Moises era mais visto na praça do que antigamente. Era final de tarde de uma sexta-feira, ele jogava truco com os amigos, quando de repente um buzinaço invade o centro da cidade e um pequeno comboio de carros despona. Todos espantados, o jogo de truco pausado, e dos carros sai primeiro seus três netos, correndo em direção ao avô que os recebe com lágrimas nos olhos e braços abertos. Depois descem seus filhos, suas noras, e para surpresa dele, de outros dois carros surgem dois de seus sobrinhos de coração que também vieram lhe visitar, ambos acompanhados de suas esposas e filhos.

A casa ficará lotada no final de semana. Crianças correrão no amplo quintal onde há um pomar com jabuticabeiras, laranjeiras e outras árvores frutíferas, e elas poderão ter por alguns dias a chance de curtir momentos que Moises vivera quando criança, subindo em árvores em busca dos frutos, dos pés no chão em contato com a terra e principalmente longe dos computadores e vídeo games.

Família apresentada aos parceiros de truco e a impressão desfeita de que Moises era sozinho. O carinho demonstrado no reencontro deles estampa que a semente fora bem plantada, pois é durante a vida que semeamos o que iremos colher lá na frente, e Moises semeara bem, assim como

regara constantemente com carinho, atenção, dedicação e amizade. Jogo de truco largado, destino, a casa do “Vô”.

As mulheres e crianças lotam os carros e filhos e sobrinhos seguirão na caminhada, passo a passo com Moises, que lembro, preza por uma caminhada, ainda mais bem acompanhado. Abraços seguidos, braços entrelaçados nos ombros, um breve papo e muitas risadas. Afinal de contas, humor nos mais jovens era o que não faltava. Todos eram cheios de graça e piadinhas contra o “véio” saltavam de suas bocas, uma atrás da outra.

Já em casa, pelo portão de madeira a multidão adentra. Thor, o cão companheiro, já de certa idade e cansado, abana o rabo e é acalentado pela criança. Então eis que entra o filho mais novo, Théo, que o abraça forte e o pega no colo com os olhos já lacrimejando, pois foi para ele e por ele que o cão branco e dourado entrou na família. Lágrimas de felicidade, claro, já que aquele momento era ímpar, principalmente para Moises, Leandro e Théo.

Todos já instalados e relaxados, Leandro vê a tralha de pesca pronta e pergunta:

- Pai, aonde nós iremos amanhã? Vamos pescar?

Moises:

- Eu ia filho, não esperava por vocês.

Théo:

- Mas claro que ainda vai, iremos com você também.

Moises:

- Eu não tenho tralha suficiente, só tenho uma pequena varinha para pegar lambaris.

Théo:

- Não faz mal, quero estar com você, e vê-lo pegar lambaris nos será um enorme prazer.

Tanto Leandro, quanto os sobrinhos concordam e também irão à pescaria no dia seguinte.

Moises:

- Então “tá”, se querem ir comigo, lhes mostrarei o meu recanto e o mais belo nascer do Sol. Lá vocês verão onde nasce a tranquilidade.

As mulheres e crianças mais novas ficarão com suas mães na casa e apenas os netos e os filhos mais velhos dos sobrinhos Ricardo e Ronaldo também irão, os meninos entre nove e treze anos, que por causa da correria de seus pais, nunca haviam ido a uma pescaria e nunca tinham visto um peixe de perto, nem mesmo um pequeno do porte de um lambari.

Théo, animado com a pescaria, não podia deixar de lembrar Moises de seus tempos de pescarias frustradas, onde ele pegava muitos peixes e seu pai não pegava nada. Então, em todo gozador, ele diz:

- Mas me diga meu pai.... Aqui o senhor já aprendeu a pescar?